

O Corpo e o Gesto na Tapeçaria de Bayeux (séc. XI)

A Ana Maria Milheiro (1953-2003)

Como responsáveis pela leccionação da disciplina de História da Inglaterra medieval, temos não raro sugerido aos alunos, para fins puramente lúdicos, a leitura da obra clássica de Sellar e Yeatman;¹ no entanto, a sua condição de ‘História de Inglaterra em disparates’ faz com que de imediato aconselhemos no sentido de evitar sincronias com os períodos de avaliação escolar. Ora é precisamente de Sellar e Yeatman que citamos, em jeito de abertura, o seguinte passo:

“With Edward the Confessor [1042-1066] perished the last English King [...], since he was succeeded by Waves of Norman Kings (French), Tudors (Welsh), Stuarts (Scottish), and Hanoverians (German) [...]. The Norman Conquest was a Good Thing, as from this time onwards England stopped being conquered and thus was able to become top nation.”²

Descontada a caricatura, estas palavras e o próprio título espelham, afinal, a centralidade de 1066, parecendo reduzir todos os acontecimentos posteriores a um mero posfácio ou epílogo histórico. Esta perspectiva, manifestamente insustentável, em nada contradiz ou anula os sortilégios literário-ficcionais da data, patentes, por exemplo, num romance notável de Julian Rathbone,³ várias vezes reimpresso desde o seu aparecimento e amplamente merecedor de adaptação cinematográfica. Não é, contudo, a

¹ W. C. Sellar e R. J. Yeatman, *1066 and All That. A Memorable History of England, comprising all the parts you can remember, including 103 Good Things, 5 Bad Kings, and 2 Genuine Dates*, Harmondsworth, Penguin Books Ltd., 1960.

² *Ibidem*, pp. 23-25 *passim*.

³ Julian Rathbone, *The Last English King*, London, Abacus, 2000.

partir da literatura que nos propomos espreitar “o corpo e o gesto na civilização medieval”, mas sim através de uma outra forma de textualidade, de um outro tipo de texto: ⁴ a chamada ‘tapeçaria’ de Bayeux, à qual, curiosamente, seria, aliás, possível aplicar termos e conceitos das ciências literárias e, em particular, dos estudos narratológicos. ⁵ Malhas que a Idade Média tece...

Depositada no Museu de Bayeux dedicado ao Conquistador (*Centre Guillaume le Conquérant*), a tapeçaria consiste numa faixa de linho com mais de 70 metros de comprimento por cerca de 50 centímetros de altura. Defendem os especialistas que a composição desta ‘banda’ desenhada e, posteriormente, bordada a lã, terá tido lugar no terço final do século XI, pouco após a conquista normanda, por encomenda de Odo de Conteville (1030/6?-1097), meio-irmão do duque William e (desde 1049) bispo de Bayeux. A extensão da peça e a própria natureza dos meios de produção ou execução manufactureira parecem desde logo excluir a hipótese de uma autoria individual, com a localização da oficina a permanecer em aberto, uma vez que a clássica atribuição a Kent ⁶ foi já posta em causa por Wolfgang Grape, ⁷ para quem a peça terá sido produzida em Bayeux, quiçá para as cerimónias de consagração da catedral (1077).

Independentemente deste ponto, demasiado técnico e, para os presentes efeitos, secundário, a morte sem descendência de Edward, *the Confessor* (5 de Janeiro de 1066) traria para a ribalta político-sucessória duas grandes candidaturas: a anglo-saxónica (corporizada em Harold Godwinson, conde de Wessex, e ratificada pelo direito de eleição dos *Witan*) e a normanda (na pessoa de William, por eventual promessa de Edward, renovada por Harold em visita à Normandia em 1064 ou no início de 1065). A pronta coroação de Godwinson (Harold II, 1066) no dia seguinte ao da morte do Confessor, fazendo assim alegadamente tábua rasa de uma promessa renovada em nome

⁴ Como lembra Maria Angélica Varandas, “Se Texto é tudo o que pode ser lido (no sentido de interpretado), então todas as manifestações culturais e artísticas se traduzem numa textualidade que, por essa mesma razão, não é apenas característica da escrita [...]. No Texto são explorados os modos de significação que se traduzem quer de forma escrita quer [...] oral e, na nossa perspectiva, também [...] pictórica.” (Maria Angélica Varandas, *A Voz no Bestiário: Ecos da Raposa na Literatura Inglesa Medieval*. Dissertação de doutoramento, inédita, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e defendida em 28.07.2003, p. 257).

⁵ Por exemplo, a leitura da tapeçaria como uma narrativa ideologicamente comprometida (*engagée*) na qual predomina a função apelativa; a determinação do estatuto e papel do narrador e a caracterização das personagens principais e secundárias; a aplicabilidade do esquema actancial de Greimas; a representação de um Destino trágico; a interpretação simbólica dos elementos iconográficos, etc.

⁶ Os defensores de uma autoria ou composição inglesa estribam-se geralmente em alegadas analogias gráficas com iluminuras de manuscritos de Canterbury, bem como na nomeação, após 1066, de Odo de Bayeux como o novo conde de Kent.

⁷ Wolfgang Grape, *The Bayeux Tapestry. Monument to a Norman Triumph*, Munich, London and New York, Prestel, 1994, p. 54.

do falecido rei ou efectuada, sob coacção ou não, em seu nome próprio, suscitaria nas fontes normandas (as únicas que referem o episódio) ⁸ acusações de traição e perjúrio, somando uma vertente ético-moral ao complexo e apaixonado debate em torno da (i)legalidade e/ou (i)legitimidade sucessória. ⁹

Entre os lances narrados na tapeçaria, veículo de propaganda e construção visual da memória da nova ordem política saída de 1066, contam-se o desembarque, accidental ou não, de Harold em St. Valéry, Picardia, junto à foz do rio Somme; a sua detenção em Beaurain pelo conde Guy de Ponthieu e posterior libertação por ordem expressa do próprio duque normando; o estabelecimento de uma relação vassálica entre Harold e William; a expedição conjunta ao Mont St. Michel, a Dol, Rennes e Dinan contra Conan II, duque da Bretanha (1040-1066); o regresso de Harold a Londres e a sua coroação após a morte do Confessor; os preparativos para a invasão normanda de Inglaterra; a travessia da Mancha e o desembarque em Pevensey; e, por último, a evolução e o desenlace da batalha de Hastings (14 de Outubro de 1066).

⁸ A edição digital da tapeçaria (Martin K. Foys, *The Bayeux Tapestry. Digital Edition*, Leicester, Scholarly Digital Editions, 2003) inclui (em *Background/Library/Catalogue*) excertos das principais fontes primárias, coevas ou não, sobre a conquista normanda: cf., por exemplo, o poema *Carmen de Hastingae Proelio* (c.1068), composto pelo bispo Guy of Amiens (c.1014-1074/5), a *Gesta Guillelmi Ducis Normannorum et Regis Anglorum* (c.1071-1077), do capelão ducal William of Poitiers (c.1020- após 1087), e a *Gesta Normannorum Ducem* (c.1070), de William of Jumièges (c.1000- ?). Outras fontes igualmente representadas datam já do século XII: é o caso da *Historia Novorum in Anglia* (1109-1115), de Eadmer, monge de Canterbury (m.1124?), da *Gesta Regum Anglorum* (c.1125), do beneditino William of Malmesbury (1087/96?-1143?), da *Historia Ecclesiastica* (c.1124), de Orderic (ou Ordericus) Vitalis, monge de St. Évroul (1075-c.1143), e do incompleto *Roman de Rou* (c.1170-1175), de Wace, cónego de Bayeux (c.1100-c.1174), mais conhecido pela divulgação das lendas arturianas no *Roman de Brut* (c.1154).

⁹ Embora não seja esse o objecto desta comunicação, atente-se, a título de exemplo, nos seguintes depoimentos: “Yet did the wise king [Edward, *the Confessor*, 1042-1066] entrust his kingdom/To a man of high rank, to Harold himself,/The noble earl, who ever/Faithfully obeyed his noble lord/In words and deeds, neglecting nothing/Whereof the national king stood in need.” (*The Anglo-Saxon Chronicle*, versões C (Abingdon) e D (Worcester) in G. N. Garmonsway (trad./ed), *The Anglo-Saxon Chronicle*, London and Melbourne, J. M. Dent & Sons Ltd., “Everyman’s Library”, 1984, pp. 194-195); a versão E (Laud ou Peterborough) acrescenta dados novos, ao afirmar explicitamente: “Earl Harold succeeded to the kingdom of England as the king granted it to him and as he was elected thereto.” (in *ibidem*, p. 197). Como porta-voz das perspectivas cronísticas normandas, ouçamos, por sua vez, William of Jumièges: “Edward, king of the English, by the will of God having no heir, had in the past sent Robert, archbishop of Canterbury to the duke, *William*, to appoint him heir to the kingdom given to him by God. But he also, at a later date, sent to him Harold, the greatest of all earls in his realm in wealth, honour and power, that he should swear fealty to the duke concerning his crown and, according to the Christian custom, pledge it with oaths. [...] At length, having completed his fortunate life, Edward departed from this world in the year of the Lord 1065 [sic]. Whereupon Harold immediately seized Edward’s kingdom, thus perjuring the fealty he had sworn to the duke. The duke then instantly despatched messengers to Harold urging him to renounce this act of folly and with worthy submission keep the faith which he had pledged with an oath. But Harold not only disdained to listen, he even unfaithfully turned all English people against him.” (*Gesta Normannorum Ducem* in Martin K. Foys, *The Bayeux Tapestry. Digital Edition*, Leicester, Scholarly Digital Editions, 2003, *Background/Library/Catalogue*).

Como se compreenderá, além da excelência artística propriamente dita, a tapeçaria de Bayeux possui um valor histórico-documental incalculável, legando-nos representações realistas de traços e práticas civilizacionais e materiais do quotidiano medieval, da arquitectura civil e militar ao vestuário e equipamento bélico, da construção e do aparelhamento dos barcos à caça, sociabilidade e alimentação, das relações de suserania e vassalagem aos rituais seculares e litúrgicos, etc. Paralelamente, a conjugação simbiótica entre estímulos visuais e sugestões auditivas, amplificada pelo dinamismo que da peça se desprende, justifica uma ilustração, forçosamente breve, das suas virtualidades sinestésicas e cinéticas.

Na impossibilidade de percorrer em tempo útil toda a tapeçaria, optou-se por seleccionar aquele que consideramos, sem qualquer dúvida, o clímax da narrativa e o superlativo exemplo de intersecção entre o corpo e o gesto: ¹⁰ a sequência da batalha, verdadeira “coreografia da acção”, ¹¹ desde a entrega da montada ao duque William à retirada saxónica. Esporeados pela hipótese de que “In its day, the Tapestry must have been greeted with as much fascination as the very first film newsreels.”, ¹² socorremo-nos da(s) competência(s) do Sr. Paulo Oliveira (Centro de Informática da FCSH) com o objectivo de apurar se as novas tecnologias nos permitiriam ainda reconstituir e eventualmente subscrever, no século XXI, (as razões d)esse quase milenar deslumbramento. E porque, como de outros corpos e de outros gestos diria Camões, “Melhor é experimentá-lo que julgá-lo” (*Os Lusíadas*, Canto IX, estr. 83, v. 7), o pequeno exercício multimedia com o qual concluímos ¹³ procura abrir uma janela sobre as possibilidades virtuais e reais de uma interdisciplinariedade que aproxime cada vez mais os diferentes cantos medievalistas da nossa Casa comum.

¹⁰ Grape sublinha assim o potencial interactivo da tapeçaria (enquanto narrativa pictórica) com o seu ‘leitor’ através dos corpos e gestos das diferentes personagens: “The figures in the Tapestry have modified their traditional role as actors in the drama to become embodiments of their own gestures; often, they seem to be addressing the beholder direct. In such cases the action is not propelled along by internal forces alone: the spectator is, at it were, drawn in to become a participant.” (Wolfgang Grape, *The Bayeux Tapestry. Monument to a Norman Triumph*, Munich, London and New York, Prestel, 1994, p. 72).

¹¹ Harald Kleinschmidt, *Understanding the Middle Ages. The Transformation of Ideas and Attitudes in the Medieval World*, Woodbridge, Suffolk, The Boydell Press, 2003, p. 192.

¹² Wolfgang Grape, *The Bayeux Tapestry. Monument to a Norman Triumph*, Munich, London and New York, Prestel, 1994, p. 68.

¹³ Para além da obrigatoriedade legal de observação dos direitos de *copyright*, não é logicamente possível reproduzir aqui tal exercício, que consistiu na projecção animada das cenas reproduzidas in *ibidem*, pp. 144-166, com acompanhamento sonoro da peça de Carl Orff (1895-1982), *O Fortuna* (in *Carmina Burana*, 1936), também utilizada pelo realizador John Boorman em *Excalibur* (1981).

Bibliografía seleccionada

CHIBNALL, Marjorie, *The Debate on the Norman Conquest*, Manchester and New York, Manchester University Press, “Issues in Historiography”, 1999.

DAVIS, R. H. C., *The Normans and their Myth*, London, Thames and Hudson Ltd., 1976.

FOYS, Martin K., *The Bayeux Tapestry. Digital Edition*, Leicester, Scholarly Digital Editions, 2003.

GARMONSWAY, G. N. (trad./ed), *The Anglo-Saxon Chronicle*, London and Melbourne, J. M. Dent & Sons Ltd., “Everyman’s Library”, 1984 (1953).

GRAPE, Wolfgang, *The Bayeux Tapestry. Monument to a Norman Triumph*, Munich, London and New York, Prestel, 1994.

KLEINSCHMIDT, Harald, *Understanding the Middle Ages. The Transformation of Ideas and Attitudes in the Medieval World*, Woodbridge, Suffolk, The Boydell Press, 2003 (2000).

LOYN, H. R., *Anglo-Saxon England and the Norman Conquest*, London, Longmans, Green and Co. Ltd, “Social and Economic History of England” (ed. Asa Briggs), 1966 (1962).

MATTHEW, D. J., *The Norman Conquest*, London, B. T. Batsford Ltd., 1966.

RATHBONE, Julian, *The Last English King*, London, Abacus, 2000 (Little, Brown and Company, 1997).

SELLAR, W. C. e YEATMAN, R. J., *1066 and All That. A Memorable History of England, comprising all the parts you can remember, including 103 Good Things, 5 Bad Kings, and 2 Genuine Dates*, Harmondsworth, Penguin Books Ltd., 1960 (London, Methuen, 1930).

VAN HOUTS, Elizabeth, “The Memory of the Norman Conquest of England in 1066” in *Memory and Gender in Medieval Europe, 900-1200*, Houndmills, Basingstoke, and London, Macmillan Press Ltd., “Explorations in Medieval Culture and Society”, 1999, pp. 123-142.